

**“PARENTES” E “RECURSOS” QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS
RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS***

**“RELATIVES” AND “RESOURCES” THAT MAKE DIFFERENCE IN TRANS
MEN'S FAMILY RELATIONSHIPS**

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego¹

RESUMO

Este trabalho reflete sobre o cenário econômico-político que enquadra, mas não determina, as relações familiares de homens trans, pensando-o a partir das trajetórias que tais sujeitos constroem para ocupar posições sociais reconhecíveis como pessoas na rede de parentes. Com isso, duas dimensões apresentam-se de maneira importante: os “parentes de prestígio”, que fazem a diferença no reconhecimento familiar do novo lugar de gênero desses indivíduos, e o horizonte laboral em que estão inseridos. Baseio essas reflexões iniciais em trabalho de campo etnográfico realizado durante meu mestrado com homens trans de diferentes grupos de ativismo entre 2014 e 2015, com auxílio de entrevistas em profundidade.

Palavras-chave: Família. Homens trans. Recursos. Transição de gênero. Trabalho.

* Uma outra versão deste texto foi apresentada no 13º Mundo de Mulheres e 11º. Seminário Internacional Fazendo Gênero que aconteceu em Florianópolis (SC) em agosto de 2017. Quero agradecer as instigantes questões e os comentários colocados pelos participantes do Seminário Temático. Em primeiro lugar, quero agradecer especialmente a todos os colaboradores que possibilitaram essa pesquisa. Além disso, sou grato ao financiamento de estudos, na forma de bolsa de mestrado, concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que possibilitou minha dedicação para realização dessa pesquisa, bem como a valiosa orientação da Profa. Dra. Rozeli Porto. O texto mantém-se, contudo, sob minha responsabilidade.

¹ Doutorando e Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal (RN), Brasil. Bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa “Gênero, Corpo e Sexualidade” no âmbito do PPGAS/UFRN. E-mail: cleiton.vsr@gmail.com.

ABSTRACT

This paper reflects about the political economic scenario that frames, but does not determine, the family relationships of trans men from the trajectories that such subjects build to occupy positions recognizable as persons in relatives net. Two dimensions are presented in an important way: the “prestige relatives”, who make the difference in the family’s recognition of these individuals new place of gender, and the labor horizon in which they are inserted. I base these initial reflections on the ethnographic fieldwork conducted during my master's degree with transgender men of different activism groups, between 2014 and 2015 in Brazil, aided by in-depth interviews.

Keywords: Family. Trans men. Resources. Gender transition. Labor.

INTRODUÇÃO

Gender is a key dimension of personal life, social relations and culture.

It is an arena in which we face difficult practical issues

about justice, identity and even survival.

– Raewyn Connell em *Gender in World Perspective* (2009).

Este trabalho reflete sobre o cenário de economia política que enquadra, mas não determina, relações familiares de homens trans². Analisando as trajetórias que tais sujeitos constroem para ocupar posições reconhecíveis

² Enquanto homem trans entende-se aqui todas pessoas que assim se apresentam como homens e transexuais, sujeitos que são tomados como mulheres no nascimento, mas que reconstróem seus corpos e suas posições sociais como homens.

como pessoas na rede de parentes, duas dimensões apresentam-se de maneira importante: os “parentes de prestígio”, que fazem a diferença no reconhecimento familiar do novo lugar de gênero desses indivíduos, e o horizonte laboral que estão inseridos.

Questiono aqui como experiências materiais de sujeitos trans ajudam a entender não apenas socialidades parentais, mas também a atuação dos regimes de acumulação de capital e suas formas de mobilizar e privatizar grupos familiares, seus corpos e suas existências. Se recorrêssemos às formas anteriores e atuais de acúmulo de capital (WACQUANT, 2012), veríamos que processos de reconhecimento, subjetivações, redes sociais, resistência política, corporalidades e condições de humanidade são mediadas pelo capitalismo em vários níveis, o que demanda urgentemente a inclusão da esfera econômico-política nas análises das relações familiares, de gênero e sexualidade.

Baseio essas reflexões iniciais em trabalho de campo etnográfico realizado com homens trans de diferentes grupos de ativismo entre 2014-2015, durante meu mestrado, com auxílio de entrevistas em profundidade. Parte dessas preocupações compõe inquietações da minha pesquisa em curso sobre vidas trans. O trabalho detém, contudo, uma forte dimensão exploratória, demonstrando certas desestabilizações e reaproximações de “parentesco” ao considerar questões geralmente classificadas como de cunho econômico-político. Assim, acabo por situar os caminhos que percorri na pesquisa para acessar essas preocupações a partir de alguma antropologia.

OLHANDO PARA AS DISRUPÇÕES FAMILIARES A PARTIR DAS MUDANÇAS DE GÊNERO³

Estava no estacionamento de um supermercado e já era noite. O lugar parece estranho à primeira vista para uma entrevista, mas aconteceu. Éramos

³ O termo “mudança de gênero” é aqui emprestado do seu uso feito por Raewyn Connell (2012) – cf. Irving et al. (2017) – que se alia à “recusa de gênero”. Isto é, “gender change” e “gender refusal” são colocados pela autora para se referir a sujeitos que, em diferentes contextos sociais, modificam suas posições na ordem do gênero.

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

um grupo de pessoas que conversávamos sobre assuntos bastante variados, incluindo minha pesquisa de mestrado acerca das experiências de vida de homens trans (REGO, 2015). Alguns interlocutores da pesquisa estavam lá, além de mulheres trans e travestis. O local é conhecido por ter uma vista panorâmica da cidade de Natal/RN, reunindo jovens à noite para passar o tempo, praticar atividades físicas, entre outras coisas. Na ocasião, meu objetivo era entrevistar particularmente Benjamin⁴, de 18 anos, que saíria do seu trabalho e me encontraria ali. Entrevistá-lo não foi uma tarefa muito amena, a ventania que nos cortava os olhos, o barulho do trânsito e as conversas paralelas do resto do grupo dificultavam a gravação de áudio. Havia iniciado e finalizado o gravador várias vezes porque precisávamos nos mover constantemente. Foi então que nos distanciamos dos amigos e sentamos longe para continuar a entrevista.

Esse momento é particularmente importante porque foi quando me atinei pela primeira vez para pensar as relações de parentesco do ponto de vista das conjugalidades e da reprodução humana. Isso porque o *insight* sobre o tema só foi possível diante da atmosfera de narrativas compartilhadas entre amigos criada na ocasião na qual se insere essa entrevista. Muito embora uma entrevista parta das questões colocadas pelo pesquisador, ela também produz narrativas organizadas a partir da situação específica na qual estejam os envolvidos. O âmbito de lazer daquele momento propiciara à conversa a narração de experiências de família porque isso inseria de modo organizado parte dos conflitos relacionados às diferenças de gênero. Isto é, os conflitos com a família de origem por causa do advento da transexualidade enquanto forma de subjetivação na vida dessas pessoas eram partes importantes das narrativas de homens trans. Contudo, antes dessa ocasião etnográfica, tomava essas relações como parte do processo de acessar identidades trans, e não especificamente para pensar as dinâmicas envolvidas na organização familiar. Este é outro aspecto que estava sendo trazido à luz na entrevista com

⁴ Todos os nomes de interlocutores são fictícios, seguindo orientações para resguardar o anonimato das pessoas colaboradoras da pesquisa (cf. FONSECA, 2010).

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Benjamin, a partir da qual comecei a observar a rede de parentes e suas relações sociais e simbólicas.

Num dado momento desse encontro dinâmico, Benjamin fazia referência a um casal de amigos seus, formado por uma travesti e um homem trans. Essa parceria amorosa, conta-me, havia gerado um bebê juntos, para então me dizer: eu também quero reproduzir! Disso, ele segue com alguns questionamentos e algumas críticas sobre a dificuldade de pensar essas questões de ser pai na vivência da transexualidade masculina. Quem lhe reconheceria a posição de pai, seja gestando ou adotando uma criança? Porque a reprodução humana e outros arranjos para pensar a família eram tão ausentes do cuidado em saúde que o atendimento clínico à transição de gênero empreendia? Eram questionamentos de Benjamin que acompanhavam sua expressão de ter vontade de casar no futuro e poder ter filhos se quisesse. Ter uma família e exercer a paternidade, um desejo recorrente também entre outros homens trans.

A vida familiar de Benjamin não tinha sido das mais harmoniosas até aquele momento. Aos 16 anos fora expulso de casa por sua mãe e seu pai já havia falecido. Foi acolhido por uma amiga, mudando-se para Natal a partir de uma cidade do interior do estado. Seu padrasto é descrito como uma pessoa mais fácil de lidar do que sua mãe, sobre quem lembra de ter lhe dito que era um monstro sem nenhum futuro em qualquer aspecto da sua história, por causa de sua postura sobre não ser uma mulher. Naquele momento, sua posição na família de origem tinha sofrido uma ruptura, um deslocamento digno de apátridas. “Sem pai, sem mãe, sem irmã, sem nada” era uma lembrança das palavras de sua mãe quando saiu de casa. Tal evento pôde ser imaginado com uma carga dramática difícil de reproduzir, conforme a descrição de Benjamin ganhava corpo na minha cabeça ao ouvi-lo recompor sua biografia falada.

Além da trajetória de Benjamin, as relações de parentesco se tornaram uma constante na minha pesquisa de mestrado, seja na reconstrução de todas as histórias de vida, seja nas observações participantes que empreendi. Nelas

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

observei que o processo de acessar a própria identidade enquanto homem trans – tendo nascido e sido identificado como mulher –, aliado ao cuidado em saúde demandado para concretizar mudanças corporais em direção ao gênero considerado oposto, constituíam não uma *transformação*, mas uma *transição de gênero*. Uma expressão de um vocabulário próprio. Isso trazia formas e conteúdos simbólicos particulares à dinâmica familiar, seja para pensar as posições, as expectativas de familiares, as redes de suporte ou a noção de pessoa. Ao contrário do que poderiam parecer, as relações em que esses homens trans estavam situados e suas reflexões subjetivas não os colocavam como ocupando corpos diferentes entre a “transformação”, nem feitos em prisões de carne e osso. Seus corpos, definitivamente, eram seus e não eram feitos de papel.

O discurso privilegiado dava conta de um processo sobre o qual se empenhava em adequar o que lhe era externo, numa divisão cartesiana entre mente e corpo, também presente na construção médica da transexualidade. Contudo, para eles, homens trans vivenciavam uma transição de gênero porque era um processo de se conhecer e de adequação corporal – essa variedade em sua acepção do que mudar – que não tinha um momento definível facilmente. Não que as mudanças no guarda-roupa, as eventuais práticas cirúrgicas e a recomposição hormonal não pudessem ser remetidas a uma época e à escolha de iniciá-las e concluí-las, mas no sentido de “se dar conta” de quem se era em relação ao gênero que vivenciavam e eram confrontados. Assim,

Entre os homens trans este termo [transição] é usado exatamente na mesma forma morfológica em sentidos diferentes. De acordo com o contexto ao qual se refira pode se relacionar ao processo de construção de identidade enquanto homem e enquanto transexual (‘transição’) e doutro, a respeito da transição do corpo, do manejo que demandam na estética corporal (‘transição corporal’) – que atua sob a identidade, mas não lhe é causa. Este momento, o transicionar (do corpo) que pode ser medicamente assistido ou não, pelo qual, após ou durante ter constituído sua identidade de homem por um processo de superação da “mulher” – que lhe foi imposta no direcionamento social –, parte-se para uma nomeação de sua

experiência dramática particular com as normas de gênero por meio do ser trans e homem. (REGO, 2015, p. 96)

O que estava em questão era que ser homem (e transexual), e por isso transgênero, e não o inverso, colocava-os em novas disposições para pensar suas posições nas relações sociais. Não ao modo de que ao dizer que há uma pessoa transexual, em um sentido limitador e reducionista, mas como a antropologia concebe a noção de pessoa social (MAUSS, 2003). Nesse quadro, novos elementos compunham uma dimensão compósita que não alcança apenas o sujeito transgênero que transiciona, mas toda a sua família que, de alguma maneira, mesmo contra sua própria vontade, é levada a transicionar ou para uma rede que detém um de seus membros como trans, ou para a perda, de pretensão permanente, do parente.

Isso não quer dizer que tenhamos que pensar a família como um grupo de vínculos no qual a mudança de gênero de um dos seus membros cause rupturas no curso normal das interações que organiza, pois haveríamos de nos perguntar qual seria a forma natural de seus acontecimentos. Ao observar que as relações de parentesco são uma forma de organização para a reprodução social das pessoas (SAHLINS, 2013) em circuitos de cuidado, sem eximir-se das hierarquias e opressões de diferentes ordens (FRANKLIN; MCKINNON, 2002), elas são compostas de conflitos que se entrosam com formas variadas de manutenção. Ver a transição de gênero de um parente como uma ruptura nas relações familiares é pontuar um conflito que do contrário não as manteria num estado de profunda “harmonia” e que só existiria enquanto ideário romântico. Contudo, a disrupção do que é considerado o curso normal da identidade de gênero de alguém pode causar, e tem causado, a expulsão de filhos de suas moradias, ausência de auxílio econômico e desconsideração sobre seu lugar como importante na família.

Nesse panorama chocante ao leitor não acostumado à temática, o campo da saúde e do emprego são fundamentais, uma vez que fatores discursivos e da prática médico-psi compõem a definição da transexualidade. A definição emitida pelo manual da Associação de Psiquiatria Americana, a atual

versão 5 do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)⁵, e propagada por outros manuais de saúde, é o instrumento que delimita quem é ou não transexual e, em larga medida, em que posição, quadro e conceituação uma pessoa que vive uma experiência de mudança de gênero deve ou não se encaixar. Trata-se de uma estrutura que medicaliza a diversidade humana. Assim, a ideia nosológica de transexualidade se propaga não apenas em círculos acadêmico-científicos, mas também jurídicos e, em alguma medida, nas subjetivações próprias das políticas das identidades a partir dos sujeitos em questão, reverberando no contexto da transição de gênero que tem o cuidado de saúde uma importante dimensão e no acesso à renda.

“O TRABALHO DURO DA TRANSIÇÃO DE GÊNERO”: ECONOMIA POLÍTICA E PARENTES QUE FAZEM A DIFERENÇA

A descrição da transição de gênero e das demais problemáticas experienciais de homens trans devem extrapolar o âmbito da “identidade”, o que não é a mesma coisa que excluir “gênero” da equação, uma vez que, ao se referir a relação social, ele estrutura uma gama de outras dimensões da vida social. Esse tem sido atualmente um dos argumentos mais críticos de Raewyn Connell (2012) que demonstra ser não apenas oportuno, mas localmente (sul-global) importante, olhar para as desigualdades sociais de modo a vislumbrar a construção de uma justiça social. A supercentralidade da identidade reflete, segundo Connell, a situação econômica, política e cultural da metrópole global, isto é, uma centralidade apartada de outras questões, tomada em si mesma.

Devemos pensar nisso porque sendo as transexualidades experiências incorporadas (BENTO, 2006), e sua afirmação de palco de dramáticas rupturas familiares e desencadeadoras, não isoladas, de violências, a assistência para

⁵ Cf. Berenice Bento (2006), Henry Rubin (2003) para uma discussão pormenorizada acerca da patologização/medicalização da transexualidade. Cf. também o importante trabalho de André Oliveira (2015) sobre o movimento pela despatologização entre homens trans.

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

iniciar e concretizar a transição de gênero é fundamentalmente ligada ao acionamento de diferentes recursos. Dan Irving (2016) argumenta, inclusive, que a transição, à propósito de mulheres transexuais, trata-se de um “evento socioeconômico”. Não apenas pelo processo do transicionar (cf. REGO, 2015), mas também pela problemática da desigualdade material que se situa no controle da riqueza e do acesso à renda e à habitação (CONNELL, 2014), esta é uma importante dimensão da vida de qualquer ser humano sob a hegemonia do atual sistema econômico mundial, o capitalismo neoliberal (WACQUANT, 2012).

Homens trans com quem pesquisei estiveram quase todos em situações de extrema dificuldade para concretizar suas transições de gênero, sendo que alguns dos fatores mais materializados eram a receptividade da questão pela família e o dispêndio financeiro em concomitância com a necessidade de trabalhar para sustentar a si próprios – o que chegara ao extremo de retardar mudanças corporais para poder acessar um emprego assalariado. Mesmo em famílias mais abastadas, o suporte de parentes se mostrou central para perceber a emergência dessa vivência de gênero e as mudanças que o círculo social no qual se insere consideraria. É por isso que proponho pensar que, dentro da rede de parentesco, há pessoas específicas que são tomadas como as de destaque, tanto para a “sensibilização” de outros parentes como para o apoio político-econômico para viver noutro gênero. Isso se deve em grande parte ao prestígio que tais apoiadores construíram no cenário familiar e às suas performances nas relações de cuidado que atinge, direta ou indiretamente, o membro da família homem trans. No Quadro 1, presente na minha dissertação (REGO, 2015, p. 27), visualizo os colaboradores da pesquisa e suas respectivas situações familiares.

Quadro 1 – Vivência familiar

NOME	IDADE	VIVÊNCIA FAMILIAR	REGIÃO DO PAÍS
Alberto	22 anos	Vive com <i>amigos</i> . Família “resiste a aceitar”.	Nordeste

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

André	18 anos	Vive com a avó. Família “não aceita”.	Nordeste
Benjamim	18 anos	Vive com <i>amigos</i> . Expulso de casa.	Nordeste
Dom Pedro	18 anos	Vive com <i>amigos</i> . Pais “resistem”.	Nordeste
Emanuel	28 anos	Vive <i>sozinho</i> . Expulso de casa.	Sul
Erik	25 anos	Vive com os <i>pais</i> . Família “aceita”.	Nordeste
Francisco	22 anos	Vive com a avó. Pai “aceita”.	Nordeste
Gustavo	20 anos	Vive com os dois <i>irmãos</i> . Família “não aceita”.	Nordeste
Joaquim	27 anos	Vive com os <i>pais</i> . Família “aceita”.	Centro-Oeste
Jorge	20 anos	Vive com a <i>mãe</i> . Os pais “não são contra”.	Nordeste
Marcelo	21 anos	Mora com a <i>mãe</i> . Mãe “aceita”.	Centro-Oeste
Mário	21 anos	Vive com <i>amigos</i> . Pai “contra”, mãe “aceita”.	Nordeste
Odilon	25 anos	Vive com a <i>companheira</i> . Pais “não aceitam”.	Nordeste
Pedro	25 anos	Vive com a <i>companheira</i> . Família “não aceita”.	Sudeste
Vitor	19 anos	Vive com <i>amigos</i> . Os pais “não sabem”.	Nordeste

Ao contrário do que poderia parecer, aliando-se a uma concepção única e “harmônica” de família, tais “parentes de prestígio” que denomino não são sempre as mães, sujeitos alçados pelo romantismo burguês como figuras baluartes do cuidado (BADINTER, 1985) e da formação psíquica do ser humano, muito embora elas ainda sejam um forte ponto de relação no parentesco dos sujeitos aqui considerados. A avó, por exemplo, que pode ser vista replicando a função de mãe tem uma proeminência na criação e na recepção da transição de gênero do neto, antes tida como neta. Outras vezes o pai, e já noutras um amigo fora da família se torna o grande suporte. Na verdade, seguindo os traços organizados das trajetórias de homens trans, percebe-se que esse parente agente, não apenas para o reconhecimento familiar, mas para a própria pessoa que transiciona e necessita de apoio, está inserido na configuração política e econômica de ajuda mútua da rede de

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

parentesco, na qual aparentados diferentes ocupam posições incrivelmente diversas e nem sempre semelhantes noutras famílias.

Para Francisco, as figuras de seus avós paternos, que o “terminaram” de criar, e a de seu pai são pontuadas como atores afetivos para seu processo de transição de gênero, porque são aqueles com quem convive diariamente. Seus pais se casaram cedo, logo após o anúncio de que sua mãe estava grávida, morando numa casa construída nos fundos da casa da mãe de seu pai. Com o fim do casamento, antes que Francisco completasse 12 anos de idade, sua mãe foi morar noutra cidade e, depois de uma espécie de guarda compartilhada informal, vivendo entre as casas de sua mãe e de seu pai, Francisco passou a morar junto de seus avós paternos onde perdura atualmente. A sua família, por outro lado, é de grandes proporções. São tios, tias, primos, avós de ambos os lados que compõem uma rede que envolve desde reconhecimento do gênero masculino de Francisco, como aqueles que ainda resistem, isolados, a não o ver enquanto homem. Embora as relações se espalhem por essa rede, o apoio direto, aqui elencado no pai e na avó principalmente, advém de uma interação ainda mais intimista.

Mesmo com todo o processo de transição de Francisco, que não está alheio às formas negativas de situar sexo e gênero, hoje seus parentes imediatos demonstram uma atmosfera mais receptiva que anteriormente. O avanço de sua transição de gênero a outra posição também traz um conforto que dirime alguns conflitos anteriores. Contar para seu pai que era homem e trans surge como uma necessidade após um evento no qual é colocado como mulher numa interação entre ele e uma estranha.

Aí a mãe dela [amiga do pai] apareceu no portão, né?! Aí falou com o meu pai, cumprimentou o meu pai e cumprimentou a mulher dele, aí ela apontou pra mim e falou: “e esse rapaz bonito é seu filho, é?” Aí, ele falou assim “é minha filha”. Velho, eu não consegui cumprimentar ela. Eu já estava afastado assim, do mesmo jeito que eu estava eu fiquei, eu gelei, eu não sei nem se isso passou despercebido pra eles, mas pra mim ficou como se tivesse congelado a situação e eu fique assim, tipo, “puta que pariu!”. Eu fiquei com muita vontade de sair correndo dali, com muita vontade mesmo, eu queria sair, eu

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

fiquei me segurando para não sair andando sem olhar pra trás. Foi isso, e depois disso aí eu senti uma necessidade gigantesca de conversar com o meu pai. (Francisco, entrevista, fev. 2015)

O relato de Francisco é constituído em pleno início de sua transição relacionada a família, já tendo se “assumido” como homem trans para si mesmo. Ele se reconhecia enquanto homem trans e assim se colocava nas suas relações externas ao grupo familiar, mas em casa a mudança estava a passos lentos. Mesmo ao ouvi-lo falar sobre transexualidade e estando “abertos”, ainda continuavam a lhe chamar no feminino. “Aí, e até hoje na minha casa a minha avó, os meus primos e tal, as minhas tias, ninguém, até mesmo o meu pai que me dá todo apoio e tal não me chama pelo o meu nome social”. Isso nos mostra importantes dimensões do transicionar dentro da família, a dimensão social da família que se estrutura em torno de posições de gênero separadas entre si, geralmente binárias, de modo que uma mudança dos indivíduos em seu âmbito simbólico encara o reconhecimento já efetuado antes do nascimento (BENTO, 2008) e que precisa ser refeito. Segundo Francisco, o trabalho dessa mudança é duro, leva tempo, mas estava sendo exercitado. Uma mudança social porque se atrela às relações e interações dos membros do grupo com outros que lhes são externos, pois posições de quem não é trans também mudam, como pai de filha para pai de filho.

Mas essa gama de conflitos que não compreendem saídas da moradia habitual não é compartilhada por todos. Benjamin e Emanuel foram expulsos de casa pelos familiares, isto é, pai e/ou mãe. Como se percebe num retorno ao Quadro 1, a maioria dos que demonstram que os parentes “resistem” ou “não aceitam” divide casa com amigos, ou irmãos, no caso de Gustavo. Retomando parte da trajetória de Benjamin, mencionada na primeira parte do texto, sua saída de casa culminou na moradia com uma tia, a quem chama assim uma amiga da família de sua mãe. Depois de conflitos nessa segunda família cujas categorias de acusação demonstraram sua conexão não ser tão verdadeira como achava, ele passa a dividir casa com duas amigas.

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Contudo, poderíamos argumentar que seu vínculo rompido poderia ser retomado? Ou que uma ruptura desse tipo significa verdadeiramente uma cisão intransponível? A previsão não faz parte do *metiér* antropológico. Ao descrever a experiência de Benjamin, é possível perceber vínculos fraturados, distâncias construídas nas quais antes havia investimento afetivo baseado em interações que partiam de posições de gênero específicas. Investimentos que parecem perdidos, mas apenas o curso de suas vidas poderá mostrar a efetividade e a perdura dessa nova relação. Ao reencontrá-lo recentemente, contou-me que foi finalmente à casa da sua mãe desde a expulsão. Perguntei-lhe como foi esse reencontro, ao que respondeu: “não é a mesma coisa”. Hoje, ao ter conseguido acessar um emprego com plano de saúde e vale-alimentação divide sua moradia com duas amigas. Além do espaço, dividem as despesas de alimentação e de cuidado da casa. Vive atualmente noutra tipo de investimento de parentesco, seus amigos são escolhidos como pessoas que importam numa relação que se apresenta como duradoura.

Assim, alcançamos as variadas configurações de organização de ajuda mútua no campo do suporte afetivo e material, na qual homens trans se veem conscientes da emergência de suas transexualidades e da perseguição do cuidado em saúde. Nisso, sigo bastante as considerações de Kath Weston (1991), que, em *Families we choose*, detém-se numa longa pesquisa repensando o parentesco estadunidense nos arranjos construídos por homens gays e mulheres lésbicas. As *famílias escolhidas* descritas por Weston são feitas de amigos e amigas, pessoas que partilham do deslocamento desencadeado em suas vidas por causa da erupção de identidades sexuais. Relações e atividades comumente atribuídas a concepção formal e clássica de “família” e “parentesco” como ligadas à família de origem de vínculo consanguíneo são retrabalhadas noutras perspectivas de compartilhamentos.

Nesse sentido, a dimensão do trabalho e do emprego surge com força para separar aqueles que conseguem mobilizar recursos não apenas para transicionarem, mas para se alimentarem, pagarem um teto no qual possam dormir, ou seja, um acesso à renda que lhes possibilitem viver ou sobreviver.

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Benjamin, antes de chegar ao seu emprego atual numa empresa de telemarketing, já vivenciara uma gama de posições precárias no mercado de trabalho que lhe causaram sofrimento. Desde como atendente numa farmácia, na qual os funcionários lhe tratavam como alguém que detinha algum problema mental ou de comportamento desviante, até estágios que lhe pagavam pequenas quantias monetárias. Seu “parente de prestígio” em tudo isso são seus amigos, que, ao construírem relações com ele, agenciaram pontos de realinhamento na vida de Benjamin – inclusive no acesso ao atual trabalho formal – e não para outros parentes considerados de sangue. Isso nos leva a perceber que o “parente de prestígio” se trata de uma posição social em meio a situações demarcadas pelos eventos dramáticos da transição de gênero.

Toda essa convergência de acesso ao emprego e, conseqüentemente, a renda tomam forma enquanto tal dentro de um panorama político-econômico que está enraizado nas relações de gênero. Nisso, o espectro neoliberal enfraquecido no Brasil nas últimas décadas com seus novos padrões de mudanças sociais (POCHMANN, 2011) e sua crescente retomada contemporânea em vias de radicalização, se levarmos em consideração as alterações constitucionais no âmbito trabalhista e da previdência social em curso no Brasil sob o governo Temer, teremos muito o que observar sobre os impactos da economia política para população transgênera e transexual.

Os homens trans estavam todos, à época da pesquisa, e a maioria ainda continua hoje, na faixa dos 20 anos de idade, tendo crescido num período histórico de expressiva mobilidade social diferente daquele que vivenciaram seus parentes imediatos de gerações passadas. No Quadro 2 é possível ter a perspectiva acerca da dimensão social e econômica na qual as famílias dos interlocutores se situam.

Quadro 2 – Parentes imediatos e panorama histórico de situação laboral

Nome	Parentes de convivência imediata*	Situação laboral dos parentes imediatos
Alberto	Mãe, pai e irmãos.	Mãe dona de casa. Pai agricultor.
André	Mãe (não mora junto). Avó com quem	Mãe no setor de serviços. Avó

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

	vive.	aposentada.
Benjamim	Mãe, padrasto e irmã. Após 1ª ruptura: "Tia" e "irmã". 2ª ruptura: amigos dividindo casa.	Pai falecido, funcionário das Forças Armadas. Mãe pensionista. Padrasto no setor de serviços. Amigos no setor de serviços ou estudantes.
Dom Pedro	Mãe e pai.	Proprietários de academias de ginástica de pequeno porte.
Emanuel	Não tem mais relação com a família, mãe falecida. Amigos.	Assalariados.
Erik	Mãe.	Mãe no setor de serviços. Pai falecido.
Francisco	Avó e pai. Familiares extensos.	Avós paternos e pai no setor de serviços.
Gustavo	Mãe e pai, irmão e irmã. Atual companheira.	Pais, vendedores ambulantes informais.
Joaquim	Mãe, pai e irmã.	Mãe e pai comerciantes com negócio próprio de pequeno porte.
Jorge	Mãe e padrasto.	Mãe no setor serviços. Pai ausente.
Marcelo	Mãe.	Mãe no setor serviços.
Mário	Mãe e pai. Após entrada na Universidade: amigos.	Mãe dona de casa. Pai no setor de serviços.
Odilon	Mãe e pai. Companheira e sua família.	Setor de serviços.
Pedro	Mãe e pai.	Pai no setor de serviços, mãe dona de casa.
Vitor	Mãe e pai.	Mãe dona de casa. Pai trabalhador fabril.

O Quadro 2 tem a pretensão de situar, *grosso modo*, os interlocutores. Cabe para considerar dinâmicas de classe social com a observação das ocupações de parentes que se engendram em meandros que compõem uma situação econômica composta de diferenças entre renda e posições de emprego de trabalhadores; perspectiva necessária para se afastar do dualismo gasto burguesia/classe trabalhadora (WRIGHT, 2015).

Assim, para colocar em termos concretos a "vida material" no sentido político-econômico, temos dois quadros que se unem de modo conflituoso no

Brasil. O primeiro são os impactos de longo alcance trazidos pela mudança social (e sentidos no cotidiano), que segundo Marcio Pochmann (2011) desde 1988, e acentuado a partir de 2003, ocasionou que mais de 28 milhões de pessoas saíssem da pobreza extrema, para não citarmos outras dimensões; e o segundo, o das consequências sociais do retorno expressivo do neoliberalismo que em parte se anuncia e em parte já se concretiza. Em ambos os contextos históricos recentes do Brasil, as pessoas trans não encontraram a criação efetiva de práticas específicas⁶ dentro do escopo da política social (cf. FAGNANI, 2011) e esse fosso só tem se alargado.

Desse modo, a economia política concretizada no país, em consonância com a reverberação interna do cenário da metrópole mundial, tem um forte impacto duplo na vida dos homens trans, porque ele acontece tanto enquanto acesso próprio como nas redes de ajuda mútua de parentesco na qual estão ligados de alguma maneira. Dan Irving et al. (2017) tem se referido, inclusive, a “economia política trans” para demonstrar a sua centralidade nas vidas trans, de modo a pensar as diferentes maneiras que corpos particulares são valorizados e desvalorizados na sociedade. Seria de perguntar, qual a particularidade trans? Raewyn Connell (2014)⁷ demonstra que o neoliberalismo produziu a figura do homem branco, principalmente trabalhador de classe média, de modo que a questão de gênero se torna uma dimensão menor para esse tipo de capitalismo. Assim, enquanto uma reengenharia estatal, o capitalismo neoliberal no modo de estado gerencial adapta a sociedade ao mercado (WACQUANT, 2012) e coloca ainda mais em insegurança a renda de homens trans jovens. Como Connell (2012, p. 870) argumenta, é preciso construir um suporte de renda, pois ela é importante para o “trabalho duro” da transição de gênero principalmente em classes populares.

NOTA FINAL

⁶ A ampliação dos ambulatórios do “Processo Transexualizador” e a criação do nome social, embora estejam ligados aos governos no poder, têm muito a dever às ações de setores da saúde mais capilarizados em relação com o movimento social.

⁷Cf. Irving et al. (2017).

INTER-LEGERE

"PARENTES" E "RECURSOS" QUE FAZEM A DIFERENÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE HOMENS TRANS

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Na intenção de demonstrar deslocamentos e tensões no âmbito das relações familiares de homens trans, tentei construir um quadro que abarcasse as dimensões políticas das interações entre parentes, movimentando a concepção de “parente de prestígio” e a inserção econômico-política das relações sociais. A assunção da transexualidade como subjetivação, demandando do homem trans e da sua família um reposicionamento nas relações de gênero, tem dado conta de um cenário diverso que vai desde a expulsão e convivência familiar até renegociação de um novo lugar ao filho que antes era situado enquanto filha. Assim, ao transicionar de gênero e à própria vivência para além disso, recursos econômicos e políticos são acionados referentes ao corpo e à dinâmica da relação que a nova posição dá espaço.

Pensar a vida material de homens trans aliada à família enquanto uma questão de economia política, isto é, a gerência da doméstica pública, é importante para descrever as experiências trans que não se referem apenas à concepção das identidades e de uma observação de conflito com normas. Nesse sentido, inserir essa análise na realidade brasileira é a urgência que necessitamos para entender as estratégias e para encaminharmos para a possibilidade de uma reparação, de uma política de justiça social para a população de homens trans de forte invisibilidade e problemáticas concernentes à saúde, à educação, à moradia e ao acesso à segurança de renda. Isso só será concebido se, enquanto análise antropológica da qual parto, a análise social levar a sério as ligações entre os imponderáveis do cotidiano da população trans e a esfera político-econômica que se enquadra nacional e internacionalmente. Esboçar uma perseguição para essa antropologia foi meu objetivo neste texto.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiênciatransexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CONNELL, Raewyn. **Gender**: in world perspective. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2009.

_____. Transsexual women and feminist thought: toward new understanding and new politics. **Signs**, The University of Chicago Press Books, Chicago, v. 37, n. 4, p. 857-881, 2012.

_____. Questões de gênero e justiça social. **Século XXI**, Santa Maria, RS, v. 4, n. 2, p. 11-48, 2014.

FAGNANI, Eduardo. A política social do governo Lula (2003-2010): perspectiva histórica. **SER Social**, Brasília, DF, v. 13, n. 28, p. 41-80, 2011.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia "em casa". In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (Orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

FRANKLIN, Sarah; MCKINNON, Susan. Introduction. In: _____ (Eds.). **Relative values**: reconfiguring kinship studies. Durham; London: Duke University Press, 2002.

IRVING, Dan. Future investments: gender transition as a socio-economic event. In: ADKINS, Lisa; DEVER, Maryanne (Eds.). **The post-fordist sexual contract**: working and living in contingency. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

IRVING, Danet al. Trans*political economy deconstructed: a roundtable discussion. **TSQ: Transgender Studies Quarterly**, Durham, v. 4, n. 1, p. 16-27, 2017.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de "eu". In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 367-398.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. "Somos quem podemos ser": os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des) patologização da transexualidade. 2015. 118f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

POCHMANN, Marcio. Políticas sociais e padrão de mudanças no Brasil durante o governo Lula. **SER Social**, Brasília, DF, v. 13, n. 28, p. 12-40, jan./ jun. 2011.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva. **Viver e esperar viver**: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. 2015. 188f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

RUBIN, Henry. **Self-made men**: identity men and embodiment among transexual men. Nashville: Vanderbilt University Press, 2003.

SAHLINS, Marshall. **What kinship is... and what is not**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

WACQUANT, Loïc. Três etapas para uma antropologia histórica do neoliberalismo realmente existente. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 66, p. 505-518, set./dez. 2012.

WESTON, Kath. **Families we choose**: lesbians, gays, kinship. New York: Columbia University Press, 1991.

WRIGHT, Erik Olin. Fundamentos de uma análise de classe neomarxista. In: _____. (Org.). **Análise de classe**: abordagens. Petrópolis: Vozes, 2015.